



PAULO BRANCO APRESENTA

OS PAPÉIS DO INGLÊS



UM FILME DE SÉRGIO GRACIANO

BASEADO NA TRILOGIA "OS FILHOS DE PRÓSPERO" DE RUY DUARTE DE CARVALHO
ARGUMENTO DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

SINOPSE

Ruy Duarte de Carvalho, poeta, romancista e cineasta, descobre que o seu pai havia deixado uns papéis no deserto do Namibe que o poderiam ajudar a desvendar um mistério ocorrido em 1923. Seguindo a sua busca pelos “papéis do Inglês”, embarcamos numa jornada épica que nos leva da viragem do século XIX ao final do século XX, nas magníficas paisagens do sul Angolano.

DATA DE ESTREIA: 24-10-2024

2024 | PORTUGAL | 2H 16MIN | DRAMA | LONGA-METRAGEM

[VER TRAILER AQUI](#)

DISTRIBUIÇÃO: |  NOS Audiovisuais





ELENCO



JOÃO PEDRO VAZ
Ruy Duarte



DAVID CARACOL
Jonas Trindade



MIGUEL BORGES
Kaluter



CARLOS AGUALUSA
Severo



DÉLCIO RODRIGUES
Kapa



JOANA RIBEIRO
Camila



CAROLINA AMARAL
Paula

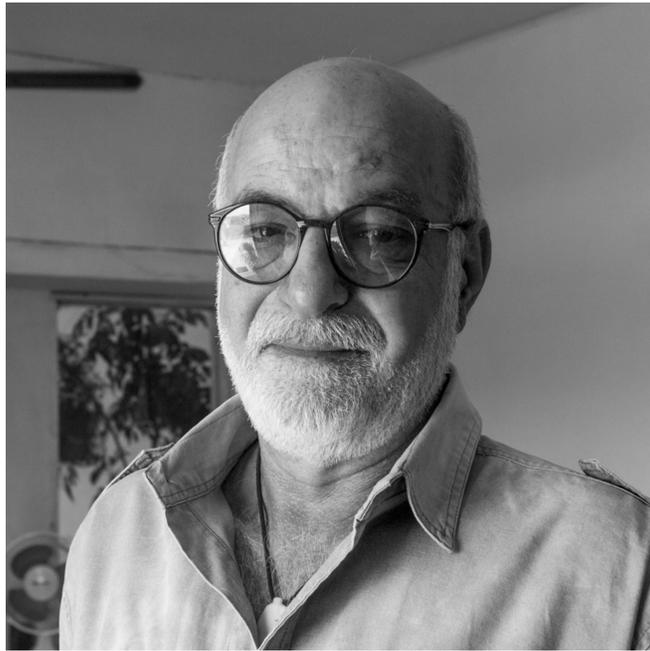


SANDRA GOMES
Ulya



XAVIER ANTÓNIO
Jonas Trindade (Young)

RUY DUARTE DE CARVALHO



Ruy Duarte de Carvalho, nascido em 1941 em Santarém, é angolano por opção de cidadania; mas, sobretudo, por sentimento. Regente agrícola, criador de ovelhas, poeta, antropólogo, artista plástico, escritor, cineasta, descrevia a sua obra como “meia-ficção-erudito-poético viajeira”.

No final dos anos 70, depois de ter estudado cinema em Londres, volta a Angola e realiza uma série de catorze documentários com os povos do sudoeste angolano. Os filmes – seleccionados para a Semana dos Cahiers du Cinéma (1980) em Paris, e para o Fórum do Jovem Cinema no Festival de Cinema de Berlim (1981), demonstram uma tentativa do autor de retratar povos deslocados do centro do poder angolano – Luanda – e também uma reflexão acerca da linguagem do cinema etnográfico desenvolvido pela escola francesa da qual o realizador e etnólogo francês Jean Rouch era o nome mais proeminente.

Concilia a escrita, o cinema e o ensino na Universidade de Luanda, enquanto participa na luta pela libertação de Angola. Doutora-se, na École des Hautes Études de Sciences Sociales, em Paris, onde apresenta como filme/tese, *Nelisita: narrativas nyaneka* (1982), a primeira longa-metragem de ficção inteiramente falada numa língua africana, o lumuíla. Foi exibido no Festival Internacional de Berlim (1984).

Moia: o recado das ilhas (1989), realizado em Cabo Verde, e seleccionado para o Festival de Veneza, completa a sua filmografia com uma reflexão sobre identidades crioulas no espaço africano, atlântico e lusófono.

Considerado pelos seus pares como um dos maiores nomes da literatura de língua portuguesa, é especialmente conhecido por “Vou lá visitar pastores” (1999), livro dificilmente classificável, porque é um ensaio antropológico escrito com linguagem cheia de poesia.

Na ficção salienta-se: “Como se o mundo não tivesse Leste” (1977), e a Trilogia “Os Filhos do Próspero”: “Os Papéis do Inglês” (2000), “As Paisagens Propícias” (2005) e “A Terceira Metade” (2009).

Depois de se aposentar, em 2008, passa a residir na segunda maior cidade da Namíbia, Swakopmund, onde falece em 2010.



SÉRGIO GRACIANO

REALIZADOR



Sérgio Graciano nasceu em Lisboa em 1975 e é um realizador premiado, com uma carreira profícua e larga experiência em cinema e televisão. Até à data realizou dezenas de séries de televisão, documentários, curtas e longas-metragens de ficção com estreia comercial.

Realizador de algumas das mais conhecidas séries de ficção para canais de televisão portugueses e angolanos, como *Auga Seca*, *Conta-me Como Foi*, *Laços de Sangue*, *Maternidade*, *Vila Faia* e *Liberdade 21*, foi nomeado para três Emmys, tendo arrecadado um galardão com a telenovela *Laços de Sangue*. Foi quatro vezes nomeado para os prémios SPA Autores para Melhor Série do Ano, tendo vencido duas vezes. Divide o seu tempo entre a produção para televisão, de séries e novelas, com produções mais alternativas, para cinema, e para tal criou a sua própria

produtora, a Caos Calmo Filmes, trabalhando frequentemente em parceria com Manuel Pureza, realizador e produtor da Coyote Vadio.

Estreou-se na realização e produção de longas-metragens com *Assim Assim* (2012), que filmou com apenas cinco mil euros, reunindo um elenco de luxo que incluía nomes como Rita Blanco, Miguel Guilherme, Margarida Carpinteiro, Albano Jerónimo e Nuno Lopes, porque todos adoraram o projecto. Passou dois anos em Angola onde foi responsável pela ficção na Semba Comunicação, e onde realizou *Njinga – A Rainha de Angola* (2013), o filme angolano mais visto de sempre, que ganhou dois prémios na African Film Academy.

Uma Vida à Espera (2016) ganhou o Prémio do Público na 8ª Edição do FESTin – Festival de Cinema Itinerante de Língua Portuguesa, seguindo-se *A Impossibilidade de Estar Só* (2020) e *O Som que Desce da Terra* (2021) – um dos finalistas para a selecção do representante português para os Óscares. Em abril de 2022, estreou *Salgueiro Maia - O Implicado*, e em 2024 estreou *Soares é Fixe*.

Os Papéis do Inglês, um épico do deserto, onde Sérgio Graciano faz um original retrato do colonialismo português em Angola, a partir de um argumento de José Eduardo Agualusa, inspirado na trilogia “Os filhos de Próspero” de Ruy Duarte de Carvalho é o seu mais recente projecto.

NOTAS DOS CINEASTAS



SÉRGIO GRACIANO REALIZADOR

Os Papéis do Inglês, o filme que realizei inspirado na vida de Ruy Duarte de Carvalho é um tributo à vastidão da sua obra e à riqueza da sua vida. Ao longo desta longa-metragem, procurei explorar não só o homem multifacetado, mas também o poeta, o cineasta, o antropólogo e o pintor, sublinhando as várias dimensões que compõem o seu legado. Ruy Duarte de Carvalho não foi apenas um observador do mundo que o rodeava, mas um criador de universos, tanto através das palavras, como das imagens que trouxe à vida, seja no cinema, na literatura ou na tela.

O ponto de partida desta obra é a poesia, que emerge como a espinha dorsal de toda a sua produção artística. A sua poesia não é apenas escrita, mas é vivida, sentida nos ritmos da paisagem, nos silêncios dos povos angolanos que ele tão bem retratou. Assim, o filme acentua a musicalidade das suas palavras, criando momentos de pausa e contemplação, onde o espectador pode mergulhar nos seus versos. Obras como “Chão de Oferta” e “Lavra” oferecem um mapa emocional do autor, uma cartografia poética que atravessa fronteiras entre a Angola colonial e pós-colonial, mas também entre a sua Angola e o resto do mundo. No filme, o uso da narração poética é central, dando

voz ao próprio Ruy Duarte, não apenas como uma forma de contextualizar a sua vida, mas de amplificar a sua maneira singular de ver e sentir o mundo.

A longa-metragem é, assim, estruturada em torno de dois pilares principais: poesia e cinema, que se interligam para traçar o retrato de um homem em constante busca. Ao destacar essas duas facetas, quis ir além do habitual retrato biográfico, tentando captar o espírito inquieto de Ruy Duarte de Carvalho. Ao longo do filme, a transição entre poesia e cinema é fluida, espelhando a própria transitoriedade da vida do autor, que passou entre Portugal, Angola, Moçambique e tantos outros lugares do mundo, carregando consigo a sua visão de uma Angola profunda e universal.

Visualmente, o filme procura evocar essa constante migração de sentidos, alternando entre cenas de arquivo, imagens da natureza e das paisagens angolanas. O objectivo é criar uma experiência sensorial, onde o público não apenas vê e ouve, mas sente o que Ruy Duarte de Carvalho sentiu. Ao longo do filme, a cor e a textura, ajudam a sublinhar o carácter íntimo e emocional da sua obra. A paleta de cores que utilizo nas sequências ecoam os tons quentes e terrosos da terra angolana.

Este filme é, portanto, uma tentativa de traduzir para o ecrã a pluralidade de um artista que nunca se limitou a uma única forma de expressão. Ao acentuar a poesia, pretendi dar ao espectador a oportunidade de mergulhar na complexidade e sensibilidade de Ruy Duarte de Carvalho, revelando-o não só como um contador de histórias, mas como alguém que viveu a arte de forma total. É uma homenagem ao seu génio criativo, que, através da palavra, da imagem e da cor, construiu um legado imortal que continua a inspirar novas gerações.

Através deste filme, espero que o público possa redescobrir Ruy Duarte de Carvalho, não apenas como uma figura do passado, mas como uma voz necessária para compreender o presente, alguém cuja visão poética e artística do mundo permanece tão relevante e urgente como sempre foi.





PAULO BRANCO PRODUTOR

A minha relação com o Ruy Duarte de Carvalho começou em 1971, em Londres, para onde eu fôra, para escapar à ditadura em Portugal. O Ruy estava lá na altura a fazer os seus estudos de cinema e também a trabalhar como regente agrícola. Cultivámos uma profunda amizade, até à sua morte inesperada em 2010, e sempre segui de muito perto e com imensa admiração, ao longo desses quarenta anos, o seu trabalho no cinema e na escrita. E foi assim que, em 1980, mostrei em Paris a série *Presente Angolano: Tempo Mumuila*, na Semana dos Cahiers du Cinéma, no cinema Action République, que eu dirigia na altura.

Essa grande amizade que nos unia levou também a que trabalhássemos juntos. Depois de lhe ter produzido a longametragem *Móia: O Recado das Ilhas*, em condições bastante difíceis, e de o filme ter sido seleccionado para o festival de Veneza, em 1989, na secção que era o equivalente da actual Orizzonti, ao ler os seus livros de ficção, fascinou-me sempre a possibilidade de fazer uma adaptação cinematográfica que reflectiria não só as histórias que ele ali conta, mas também a própria personagem que era o Ruy Duarte de Carvalho. E daí

nasceu a ideia do filme *Os Papéis do Inglês*. Na última vez que falámos, pouco antes da sua morte, contei-lhe da minha vontade de levar por diante esta adaptação e ele respondeu-me: “Paulo, dou-te toda a liberdade para o fazeres, mas com alguém que escolhas. Eu já não sou cineasta, e não quero voltar a sê-lo. Para mim, neste momento, a escrita é o lugar onde vivo.” A escrita e o deserto do Namibe, onde muitas vezes me convidou para o ir lá visitar.

Foi, pois, um desafio extremamente importante para mim, levar a cabo a produção de *Os Papéis do Inglês*, que adapta a trilogia “Os Filhos de Próspero”. E não posso deixar de me sentir muito orgulhoso com o trabalho do José Eduardo Agualusa na adaptação e argumento, e do Sérgio Graciano na realização. E com o extraordinário elenco e equipa que nele trabalharam, no sul de Angola, onde as paisagens geográficas e literárias do Ruy Duarte se encontram.

Penso que esta é a maior homenagem que podemos prestar a essa enorme figura da nossa literatura que é Ruy Duarte de Carvalho.



JOSÉ EDUARDO AGUALUSA
ARGUMENTISTA

OS PAPÉIS DO INGLÊS **HISTÓRIA DE UM ROTEIRO**

Quando o Paulo Branco me convidou para escrever um guião baseado na trilogia “Os Filhos de Próspero”, do Ruy Duarte, aceitei com entusiasmo. Gosto de desafios, e percebi logo que não seria nada fácil criar um enredo coerente a partir de três livros tão singulares, tão densos e complexos, tão difíceis de classificar. O primeiro, “Os Papéis do Inglês”, é um romance quase convencional, com o autor contando como reconstruiu um drama autêntico: o suicídio de um aventureiro inglês no sul de Angola, no início do século XX.

Os dois outros livros, “A Terceira Metade” e “Paisagens Propícias”, muito pouco lidos, recolhem uma mistura de arrojados exercícios poéticos; ideias para romances futuros e teses sociológicas e antropológicas. No meio daquelas páginas, frequentemente caóticas, absurdamente brilhantes, retirei dois personagens extraordinários, Trindade e Severo, e reinventei-os, inserindo-os no fio da história principal. Foi um trabalho de relojoaria, delicado e fascinante, que me deu enorme prazer. Escrever este guião também me permitiu explorar e aprofundar

a personagem romanesca do próprio Ruy Duarte, e algumas das suas obsessões.

Ruy Duarte de Carvalho nasceu em Santarém, em 1941, e faleceu em 2010, com 69 anos, numa pequena cidade alemã, encravada entre o oceano Atlântico e o imenso deserto da Namíbia — Swakopmund. Foi poeta, romancista, cineasta e antropólogo, além de regente agrícola e mestre cervejeiro. Foi também um artista plástico quase secreto — um dos seus livros de poesia tem ilustrações dele: “Sinais Misteriosos Já Se vê”; um outro, “Lavra Paralela”, inclui um belíssimo auto-retrato. Guardo duas aguarelas que ele me ofereceu representando bois mucubais.

Ruy viveu em geografias muito diversas: Moçâmedes, Luanda, Londres (que era onde afirmava sentir-se melhor), Paris ou Maputo. Contudo, nunca abandonou as paisagens da sua infância, no extremo sul de Angola. Falo da cidade de Moçâmedes e do deserto do Namibe. Essas paisagens, e as populações nelas contidas, com particular destaque para os pastores cuvale, mais conhecidos como mucubais, são o centro de toda a sua obra, não só da obra poética, mas também ficcional, ensaística e até cinematográfica.



À semelhança de outros escritores angolanos de ascendência portuguesa — como Luandino Vieira, David Mestre ou Henrique Abranches, para citar apenas autores nascidos em Portugal e que após a independência pediram e obtiveram a nacionalidade angolana —, Ruy Duarte serviu-se da literatura como uma forma de afirmação identitária. Como uma reivindicação de pertencimento.

Estas são questões centrais na trilogia — e também, é claro, no roteiro. Ruy Duarte coloca-se a si próprio, como personagem, no centro de toda a sua produção. É um personagem atravessado por inquietações de todo o tipo, por grandes cóleras, por fundos rancores pessoais. Tentei que essa complexidade estivesse presente na figura do Ruy, o personagem, e dos seus outros dois curiosos alter ego: Trindade e Severo.

Ruy Duarte de Carvalho não é apenas a figura mais interessante da literatura angolana, trata-se de uma das figuras mais ricas e fascinantes das literaturas lusófonas. A grandeza da sua obra ultrapassa fronteiras. Espero que este filme contribua para a sua descoberta, ou redescoberta, e que os seus livros encontrem os leitores que merecem.

EQUIPA

Baseado na trilogia “Os Filhos de Próspero”
de **Ruy Duarte de Carvalho**

Argumento: **José Eduardo Agualusa**

Realizador: **Sérgio Graciano**

Produtor: **Paulo Branco**

Direcção de fotografia: **Mário Castanheira**

Direcção artística: **Artur Pinheiro**

Guarda-roupa: **Isabel Branco**

Montagem: **Roberto Perpignani, Tiago Augusto**

Som: **Gita Cerveira, Pedro Góis**

Uma produção **Leopardo Filmes e RTP**

Em associação com **APM Produções**

Com o apoio financeiro

ICA - Instituto do Cinema e Audiovisual

RTP - Rádio e Televisão de Portugal

Fundo de Apoio ao Turismo e ao Cinema

ARTE France

e com o apoio

Câmara Municipal de Lisboa

Lisboa Film Comission

Ministério da Cultura e Turismo da República de Angola

CMTV

Distribuição: **NOS Audiovisuais**

Vendas internacionais: **Alfama Films**





CONTACTOS

VENDAS INTERNACIONAIS E FESTIVAIS
DIANA LUPI

Alfama Films

diana.alfamafilms@orange.fr

+351 918 783 526

ABRIR WEBSITE

PRODUTOR
PAULO BRANCO

Leopardo Filmes

paulob@leopardofilmes.com

+351 917 223 331

ABRIR WEBSITE

DISTRIBUIÇÃO EM PORTUGAL
FÁTIMA RAMALHO

NOS Audiovisuais

fatima.v.ramalho@nos.pt

+351 217 824 700

ABRIR WEBSITE